

A aplicabilidade das máximas conversacionais nas perguntas cotidianas

Scheila Cristina Costa

UNIPAM

Orientação: Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Coelho

Resumo O presente artigo buscou analisar a Pragmática e as correntes que a caracterizam, visando a explicar as formas com que os falantes expressam seus pensamentos e ações de forma coerente e conseguem transmitir a mensagem desejada. O trabalho analisou também as colocações feitas por Grice, as Máximas Conversacionais e a forma como essas máximas são violadas nas situações do cotidiano popular. Para a realização do estudo foram analisadas algumas situações do cotidiano nas quais ocorre a violação das máximas.

Palavras-Chave: Pragmática. Máximas Conversacionais. Implicaturas Conversacionais.

1. Considerações iniciais

O presente artigo se propõe a fazer uma análise sobre o uso da linguagem que se constitui como objeto de estudo da Pragmática, enfocando as máximas conversacionais que delimitam a construção dos discursos, calcando-se na teoria proposta por Grice (1975).

A Pragmática busca explicar, dentre outros aspectos, como os falantes conseguem entender uma dada expressão, compreendendo mais do que as expressões significam e por que um falante prefere dizer alguma coisa de maneira indireta a manifestá-la de forma direta. Procura ainda descobrir os diferentes significados de uma única expressão em diferentes contextos e situações nas quais se manifesta.

Dentre os vários teóricos dessa linha, cita-se o filósofo Paul Grice (1975), que desenvolveu o Princípio da Cooperação, o qual se constitui de quatro categorias chamadas Máximas Conversacionais. De acordo com esse estudioso, a violação das Máximas Conversacionais constitui um problema para o bom entendimento do discurso. Porém, o estudo que ora se propõe parte do pressuposto de que nem sempre a violação das máximas de conversação propostas por Grice constitui um problema para o discurso, já que, em alguns momentos, é justamente a violação de algumas máximas que asseguram a produção de sentido e cumprem a funcionalidade pretendida.

Existem enunciados que podem expressar vários sentidos, variando a situação na qual são usados e a intenção do falante que os utiliza. Existem também falantes que se expressam de forma mais complexa que o enunciado realmente necessita, ou seja, preferem se comunicar de forma indireta, quando poderiam ser mais objetivos, falando apenas o necessário, tornando, dessa forma, o entendimento mais claro e coerente. Porém, existem situações nas quais esse procedimento se justifica pela intenção dos sujeitos envolvidos.

Diante desses e de outros aspectos a serem pesquisados, torna-se absolutamente necessário o estudo do uso da linguagem, pois há vários planos e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta da fala e há discursos que se constroem exatamente pela violação das máximas conversacionais, “[...] como o discurso poético, que cultiva a ambivalência, o discurso eufêmico, que infringe a máxima da quantidade; o discurso irônico, que viola a máxima da qualidade” (Fiorin, 2002).

Primeiramente o artigo deverá abordar, em sua fundamentação teórica, as características da Pragmática, analisando as correntes nas quais ela se divide, enfatizando os atos de fala e, posteriormente, as máximas conversacionais, ou seja, a teoria de Grice acerca da Pragmática Conversacional. Em seguida, apresentou-se a metodologia do estudo, passando-se à análise de situações do cotidiano, interpretadas de acordo com os estudos de Grice (1975), e atentando-se para a violação das máximas conversacionais. No alinhar do texto, tecem-se algumas considerações à guisa de conclusão.

2. Referencial teórico

2.1 A Pragmática e o uso da linguagem

A Pragmática constitui-se como a ciência que estuda a relação entre a estrutura da linguagem e seu uso. Segundo Maud Champagne (2000)¹, a Pragmática e a Semântica são as duas principais áreas da Lingüística que estudam o conhecimento que é posto em prática tanto para extrairmos significados quando lemos ou ouvimos, como para transmitirmos significados quando falamos ou escrevemos algo.

Apesar de a linha divisória entre essas duas disciplinas ser tópico de intenso debate, podemos dizer que a Pragmática distingue-se da Semântica, uma vez que a primeira caracteriza-se pelo contextualismo, o qual está globalmente ligado ao contexto, enquanto a Semântica está ligada ao “literalismo”, ou seja, parte do princípio de que o sentido é independente do contexto. Na Pragmática, ao contrário da Semântica, o raciocínio é determinado pela intermediação de um conceito e não por sua relação com o real. Silva² salienta que

¹ Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n2/7863.pdf> > Acesso em 27/04/2007.

² Disponível em <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-03.html>. Acesso em 28/09/2007.

o contextualismo, em oposição ao “literalismo”, defende, em filosofia da linguagem, que o sentido se caracteriza como globalmente ligado ao contexto. Ao contrário, várias teorias exponenciais do sentido procuram salvaguardar uma noção de sentido “literal” ou independente do contexto que é necessária quando se quer proteger a autonomia e independência da Semântica.

Assim, segundo Silva, a Pragmática está diretamente ligada aos valores constituídos no contexto discursivo, caracteriza-se pelo sujeito que fala, pelo discurso e essencialmente pela dependência contextual do sentido.

2. A teoria dos atos de fala

A teoria dos atos de fala surgiu no interior da Filosofia da Linguagem, sendo seus pioneiros o inglês John Langshaw Austin (1911-1960), e John Searle, dentre outros. Esses autores entendiam a linguagem como forma de ação, passando então a refletir sobre os vários tipos de ações humanas que se realizam através da fala. Segundo Silva (2007), os lingüistas e filósofos pensavam que as afirmações serviam apenas para descrever um estado de coisas, mas Austin mostrou que além de serem definidas como verdadeiras ou falsas, as afirmações servem para realizar ações. Pinto (2001, p. 57) salienta que

a Teoria dos Atos de Fala (...) concebe a linguagem como uma atividade construída pelos interlocutores, ou seja, é impossível discutir linguagem sem considerar o ato de linguagem, o ato de estar falando entre si – a linguagem não é assim descrição do mundo, mas ação.

A “Teoria dos Atos de Fala” definida por Austin (1990) e por Searle (1981) afirma que uma mensagem verbal é raramente uma mera transmissão literal e direta de informação. Pinto (2001, p. 48) salienta que

[...] fenômenos lingüísticos não são puramente convencionais, mas sim compostos também por elementos criativos, inovadores, que se alteram e interagem durante o processo de uso da linguagem.

De acordo com Fiorin (2002), a mensagem verbal exprime a intenção do interlocutor e é determinada por vários aspectos. Os atos de fala podem ser ‘diretos’, quando dizem ‘feche a janela’, por exemplo. Mas, no uso diário, são menos freqüentes do que os ‘indiretos’, quando a intenção do interlocutor não está explícita. Por exemplo, se o interlocutor diz ‘está frio aqui!’, não o faz para que quem o escuta diga ‘realmente está frio aqui!’ e, sim, para que feche a janela que está próxima.

Desse modo, a compreensão de um ato de fala não literal exige ao mesmo tempo o processamento do que é explicitamente dito e a capacidade de ir além deste significado literal para perceber a intenção do interlocutor no contexto dado. Em outras palavras, quem

escuta deve ser capaz de, simultaneamente, compreender o significado literal e não literal da mensagem, o que o interlocutor diz e o que pretende dizer.

2.3 Polidez

Ao interagirem em sociedade, os indivíduos se preocupam em manter certo controle da situação e se esforçam para anular possíveis agressões ou conflitos. Submetem-se, assim, às regras de polidez.

Segundo Oliveira (2007)

ao estudarem a polidez, Brown & Levinson (1987) distinguiram entre estratégias de polidez positiva – aquelas que mostram a proximidade entre falante e ouvinte – e estratégias de polidez negativa – aquelas que mostram a distância social entre os interagentes. Exemplificando: o uso de epítetos carinhosos é uma estratégia de polidez positiva. O uso de orações condicionadas em promessas, possivelmente, é uma estratégia de polidez negativa, pois trazem imposições ao ouvinte e, muitas vezes, evidenciam quem tem mais poder na escala social.

Ainda de acordo com Oliveira (2007), podemos indicar alguns atos que ameaçam a face, tanto do falante, quando do ouvinte:

- 1) Atos que ameaçam a face negativa do ouvinte (ex.: pedidos, avisos, ameaças, advertências);
- 2) atos que ameaçam a face positiva do ouvinte (ex.: queixas, críticas, desaprovação, levantamento de assuntos “tabu”);
- 3) atos que ameaçam a face negativa do falante (ex.: aceitar um oferecimento, aceitar um agradecimento, prometer relutantemente) e
- 4) atos que ameaçam a face positiva do falante (ex.: pedidos de desculpa, aceitar elogios, confessar-se).

Assim, quando alguém apresenta uma fala inesperada no decorrer do seu discurso, infringe as regras de boa conduta estabelecidas, fazendo ocorrer um desvio na linguagem. A face de um dos interlocutores ou de ambos se torna, dessa forma, ameaçada.

2.4. Grice e as máximas conversacionais

As Máximas de Conversação propostas por Grice (1975) são baseadas no princípio cooperativo que diz: “faça sua contribuição conforme necessário, no estágio em que ocorrer, pelo objetivo aceito, ou direção da conversa em que está engajado” (Fiorin, 2002, p.77). Para Grice (1975), o princípio da cooperação é o princípio geral que rege a comunicação.

Esse princípio é explicitado por quatro categorias gerais, que constituem as Máximas Conversacionais, definidas, conforme Fiorin (2002, p. 177), da seguinte forma:

Máxima de quantidade

– Que a sua informação contenha o tanto de informação exigida.

– Que sua contribuição não contenha mais informação do que é exigido.

Máxima de qualidade (da verdade)

– Que a sua contribuição seja verídica.

– Não afirme o que você pensa que é falso.

– Não afirme coisa de que você não tem provas.

Máxima da relação

– Fale o que é concernente ao assunto tratado (seja pertinente).

Máxima de modo/maneira

– Seja claro.

– Evite exprimir-se de maneira obscura.

– Evite ser ambíguo.

– Seja breve (evite a prolixidade inútil).

– Fale de maneira ordenada.

Em outras palavras, se fornecemos mais ou menos informações do que é necessário, se dizemos algo que sabemos ou acreditamos estar errado, se dizemos algo que é irrelevante ao assunto da conversação, se falamos de modo obscuro, ambíguo ou confuso, isso se constitui num comportamento não cooperativo.

Uma dessas regras é assumidamente violada quando o interlocutor tem uma razão específica xis para tal violação e porque sabe que quem o escuta é capaz de identificar xis como a causa de sua violação. Grice (1975) define este tipo de inferência como ‘implicações conversacionais’.

Muitas críticas foram feitas acerca das concepções de Grice (1975), como salienta Fiorin (2002, p. 178):

alguns autores dizem que Grice tem uma concepção idealista da comunicação humana e, por conseguinte, da sociedade, porque imagina a troca verbal como algo harmonioso (...). Por outro lado, diz-se que Grice é normativo, que ele pretende ditar regras para a comunicação humana. Nenhuma das duas críticas procede. As máximas não são um corpo de princípios a ser seguido na comunicação, mas uma teoria de interpretação dos enunciados.

A partir das afirmações acima, conclui-se que a violação de uma máxima é (e não pode deixar de ser) dependente do contexto, podendo, inclusive, ser necessária, como pretende demonstrar o estudo ora proposto.

3. Descrição da metodologia adotada

Para que os objetivos do estudo fossem alcançados, primeiramente foi feita uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de construir um referencial que sustentasse a análise empreendida, fundamentando-se em estudos de autores da área, como Grice (1975), Fiorin (2002) e Searle (1981).

Posteriormente, foi feita uma pesquisa de campo, na qual foram analisadas dez situações de uso real da língua, em que se verificou a violação das máximas, confrontando-

as com o referencial teórico construído, com vistas a identificar o papel das máximas na construção dos discursos.

4. Apresentação dos resultados

Como foi visto anteriormente, as máximas conversacionais que compõem o princípio da cooperação são quatro: quantidade, qualidade, relação e modo. A análise que segue visa a enforçar quando há a quebra de uma dessas máximas, com vistas à produção do sentido.

Fiorin (2002) já mencionava que alguns discursos se constroem exatamente pela violação das máximas, como nos exemplos selecionados:

(01) Diante da péssima situação das estradas, uma pessoa afirma:

– Gastei 18 horas de Patos de Minas a Lagoa Formosa.

A ironia é uma exploração da máxima da qualidade. Essa máxima diz que a contribuição para a conversa tem que ser verídica. Nesse caso, viola-se essa máxima, pois a pessoa está afirmando o que não pode provar. Entende-se que a pessoa gastou exatamente dezoito horas no percurso.

(02) – Amanhã é outro dia!

O enunciado acima, muito recorrente na língua, é tautológico, porque se limita a traduzir o que já foi anunciado. Tautologias são uma exploração da máxima da quantidade. A pessoa que diz essa frase quer dizer que as situações mudam com o passar do tempo. Portanto, o uso é intencional e a violação é um recurso argumentativo.

(03) – O coração de Maria é uma pedra!

No uso de metáforas, ocorre a violação da máxima da qualidade, pois não se está dizendo que se acredita que o coração de Maria seja uma pedra, mas que é duro como uma.

(04) Duas pessoas dialogando sobre uma amiga em comum:

(a) – Onde Maria mora?

(b) – No Brasil!

Neste caso, viola-se a máxima da quantidade. A informação não contém a quantidade de informação exigida. Quando (a) faz a pergunta, ele está em busca de uma resposta mais específica, como a rua ou a casa em que Maria mora. Provavelmente, o país

ele já sabia. E se entende também que o interlocutor não sabe exatamente onde Maria mora.

(05) Nos Correios, ao fazer a Declaração de Isenção do Imposto de Renda, o atendente pergunta:

- O senhor tem conta em banco?
- Tenho só uns R\$50,00. A conta é no Banco do Brasil, agência 0190-2, c/c...

A máxima da quantidade diz que se deve dar a quantidade de informação necessária para a comunicação. No caso acima, o senhor que respondeu à pergunta infringe essa máxima, pois sua resposta contém mais informação do que é exigido. Ele poderia ter respondido apenas sim ou não, mas no afã de ser o mais correto possível nas informações prestadas, incorre na violação. Esta também não compromete o texto, apenas torna-o um pouco engraçado.

A violação das máximas conversacionais se torna também um importante veículo para a produção de humor. De acordo com Oliveira (2007), “as possibilidades mais simples de se inventar estórias cômicas nascem do aproveitamento do erro” (p.02). Assim, quando se fazem perguntas redundantes, que mostram a inutilidade da resposta, ou quando se afirmam banalidades que todos já conhecem, a situação se torna engraçada. Há, inclusive, um quadro no programa humorístico da Rede Globo, *Zorra Total* (1999), em que o nervoso personagem Saraiva (interpretado por Francisco Milani) ficou conhecido por seu jargão “Pergunta idiota, tolerância zero!”.

As situações abaixo, retiradas do site www.portaldavaca.com.br, ilustram contextos de uso da língua em que o humor é gerado pela violação das máximas.

(06) Você pega sua bicicleta e começa a andar, quando alguém pergunta:

- Tá andando de bicicleta?
- Não! Estou montando no touro Bandido. Vai boizinho...

(07) Você dá flores à alguém e essa pessoa pergunta:

- São flores?
- Não! São cenouras!

(08) Uma senhora está subindo de joelhos uma escada quilométrica de uma igreja quando um senhor pergunta:

- A senhora está pagando promessa?
- Não! É que eu sou muito alta e se for em pé vou chamar atenção!

Nos casos 6, 7 e 8, a violação da máxima e sua eventual causa de humor, foi feita na intenção de iniciar ou de prolongar o diálogo.

(09) O professor passa vários exercícios no quadro, quando alguém pergunta:

- É pra copiar?
- Não! Tira xerox!

(10) Você está no banheiro quando alguém bate na porta e pergunta:

- Tem gente?
- Não! É a merda que está falando!

Nos casos 9 e 10, a pessoa que faz a pergunta não a fez de maneira adequada, mostrando assim a inutilidade da resposta, o que gerou o humor.

5. Considerações finais

O objetivo deste artigo foi apresentar um estudo através do qual foram analisadas as características da Pragmática e sua significância nas formas de uso da linguagem.

Foram analisadas as correntes que explicam a Pragmática, enfatizando as colocações feitas por Grice, em que ele evidencia como vários conflitos sociais se manifestam na linguagem, a partir de estudos sobre a linguagem utilizada nas diferentes classes sociais. Através dos estudos de Grice, foram analisadas as violações das máximas conversacionais, quando as pessoas não cooperam para o sucesso do diálogo, omitindo informações necessárias para o entendimento do enunciado, ou fornecendo informações além do necessário.

Mas através da análise feita neste trabalho, foi constatado que a violação das máximas que orientam o discurso nem sempre constitui um problema. Em alguns desses casos o indivíduo tem a intenção de iniciar ou de prolongar o diálogo. No caso humorístico, a violação se faz necessária para o sucesso da intenção do falante.

Enfim, analisar as várias características que permeiam o uso da linguagem é imprescindível, pois a linguagem constitui a forma de comunicação entre os homens. Compreender o processo que a origina é fundamental para uma boa comunicação e entendimento dos enunciados. O tema é infinitamente relevante para estudantes, profissionais da educação e para qualquer indivíduo que se preocupe com uma boa comunicação. Assim, os estudos não se esgotam aqui, ficando a sugestão para futuros trabalhos.

Referências

AUSTIN, J.L. *Quando dizer é fazer: palavras e ações*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

CHAMPAGNE, Maud. *Compreensão de discurso não literal: o caso de violações das Máximas de quantidade e de solicitações indiretas*. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n2/7863.pdf>. Acesso em 28/09/2007.

FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso, in: *Introdução à lingüística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002. pp. 165-185.

MOESCHLER, Jacques e REBOUL, Anne. *Dictionnaire encyclopédique de pragmatique*. Paris: Seuil, 1994.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, vol. 2.

OLIVEIRA, Mônica Lopes Smirderle de. *O humor em Mafalda e a violação das máximas conversacionais*. Disponível em <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/cd/Port/102.pdf>. Acesso em 04/10/2007.

SEARLE, John R. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1981.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. *A Lingüística do séc. XX: balanço crítico*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno03-03.html>. Acesso em 28/09/2007.

Agradecimento: Agradeço a Deus por dar-me forças para concluir mais essa etapa; à minha mãe por me apoiar sempre nos estudos; à minha amiga e colega de serviço Karine por seu companheirismo e à minha orientadora professora Sueli, pelo carinho e atenção prestados durante este trabalho.